

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS USUÁRIOS DA REDE NACIONAL DE PESSOAS VIVENDO E CONVIVENDO COM HIV/AIDS – NÚCLEO DE CAMPINA GRANDE- PB

Elizângela Samara da Silva¹, Anna Marly Barbosa de Paiva², Adália de Sá Costa³, Veralucia Ferreira⁴, Marton Guedes de Oliveira⁵, Maria do Socorro Pontes Souzaⁿ

¹Universidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Rua Francisco Lopes de Almeida, 1898, Campina Grande-PB, samara.elizangela@gmail.com

²Universidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Rua Morise de Miranda Gusmão, 1556, Campina Grande-PB, annmpaiva@hotmail.com

³Universidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Rua Francisco Lopes de Almeida, 1898, Campina Grande-PB, costaadalia@hotmail.com

⁴Universidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Rua Francisco Lopes de Almeida, 1898, Campina Grande-PB, vera-1f@hotmail.com

⁵Universidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Nely Vieira Lacerda, 157, Campina Grande-PB, marton.guedes@hotmail.com

ⁿUniversidade Estadual da Paraíba /Departamento de Serviço Social, Rua Prefeito Francisco Camilo, 183, Catolé, Campina Grande-PB, pontesfelix@hotmail.com

Resumo- O HIV/Aids chega ao Brasil no início da década de 1980. As Organizações Não Governamentais desempenharam naquele momento e, até a atualidade, um trabalho importante para a contribuição na melhoria da vida e na luta por direitos das pessoas soropositivas. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo principal fazer uma leitura do perfil socioeconômico dos usuários atendidos pela Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/Aids – núcleo Campina Grande-PB (RNP+/CG). A pesquisa, ora apresentada, configura-se do tipo documental e bibliográfica, contemplando a análise das fichas dos usuários cadastrados na instituição no período de 2009 a 2010, com enfoque nas aspectos sociais e, principalmente, econômicos destes usuários. As análises dos dados revelam um índice significativo de usuários que não possuem renda, como também, com renda familiar igual ou inferior a um salário mínimo, e algumas recebem o benefício de prestação continuada (BPC) sobrevivendo da ajuda de familiares. Além disso, a baixa escolaridade e conseqüentemente o pouco acesso as informações também aparecem como características do perfil socioeconômico das tais usuários.

Palavras-chave: Perfil Socioeconômico. Pessoas Vivendo. HIV/Aids.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

O primeiros casos de contágio por HIV/Aids ou Síndrome da Imunodeficiência adquirida, começam a ser identificados ainda no início da década de 1980 (Galvão, 2000). A expansão acelerada do número de casos da doença demonstra que a endemia representaria um grande desafio para a saúde pública nos anos subsequentes ao ano da descoberta do vírus.

Desde a década de 1980 até a atualidade as Organizações Não Governamentais (ONGs), desenvolvem um trabalho junto as pessoas vivendo com HIV/Aids o que vem contribuindo significativamente no processo de enfrentamento da doença, na medida em que tais instituições vem desempenhando um papel fundamental para uma política de saúde mais efetiva no que diz respeito ao controle e prevenção da doença no país. Assim, as chamadas ONGs/Aids emergem no contexto da primeira fase que caracteriza a

epidemia no país, (PARKER, 1997) em que o Estado apresentava-se omissa na atenção as pessoas infectadas. As primeiras iniciativas de enfrentamento do HIV/Aids ocorreram, no estado de São Paulo, ainda com ações muito modestas em relação à gravidade da doença (GALVÃO, 2002).

A Organização Não Governamental Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/Aids – núcleo Campina Grande-PB (RNP+/CG), é criada no final da década de 1990, acompanhando o processo de interiorização da epidemia e a partir da necessidade de respostas as pessoas vivendo e convivendo com a doença, na região e em todo o estado da Paraíba. Cabe destacar que através da Casa de Apoio Célia Brechó, que funciona nas instalações da instituição, o atendimento voltado a esse segmento se expande a portadores de municípios circunvizinhos de Campina Grande-PB. Neste sentido é que buscamos levantar as

características socioeconômicas dos portadores atendidos pela RNP+CG, através da elaboração do perfil dos usuários, analisados a partir de dados obtidos nos documentos de cadastro da instituição abrangendo os anos de 2009 e 2010.

Metodologia

O presente artigo contém os resultados parciais da elaboração do perfil dos usuários da Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/Aids – núcleo Campina Grande (RNP+CG), dos cadastros realizados na instituição nos anos de 2009 e 2010.

A coleta dos dados esteve direcionada a análise dos questionários presentes nas fichas de cadastros dos usuários de tal instituição. Buscamos destacar prioritariamente os aspectos sociais e econômicos do cotidiano de vida das pessoas portadoras do vírus HIV/Aids atendidas na RNP+CG.

Partimos de uma abordagem quanti-qualitativa, do tipo documental e bibliográfica na medida em que buscamos embasamento em autores que discutem a temática específica do HIV/Aids e seus determinantes sociais e econômicos no país. Utilizamos ainda títulos lançados pelo Ministério da Saúde relacionados a temática da Aids, tais como o Boletim Epidemiológico, que nos permitiu uma análise crítica na fundamentação de nossa discussão.

Resultados

Ao analisar as fichas de cadastros dos usuários atendidos na RNP+CG entre os anos de 2009 e 2010, dando prioridade aos aspectos de faixa etária, sexo, escolaridade, ocupação, renda familiar e sobre o recebimento de benefícios, foi possível constatar os seguintes resultados:

Tabela 1 - Faixa Etária

Idade	Quantidade	%
20 a 40	38	60%
41 a 60	23	37%
61 a 80	02	3%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

Conforme é possível observar através da tabela, há uma variação de idade que vai dos 20 a 80 anos, entre os usuários cadastrados no período 2009 à 2010. A faixa etária dos 20 a 40 anos foi a mais frequente. Observamos ainda que 37% dos usuários possuem idade entre 41 a 60 anos o que representa um percentual significativo. O

programa Nacional de DST/Aids fornece dados que indicam o envelhecimento da doença.

Destaca-se que de 1996 a 2006 houve um aumento significativo de casos notificados em indivíduos com idade superior a 50 anos. Ressalta-se ainda nas pessoas com mais de 60 anos, que as notificações dobraram (RADIS, 2008).

Tabela 2 – Distribuição dos usuários por sexo

Sexo	Quantidade	%
Feminino	31	49,21%
Masculino	32	50,79%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

No que se refere ao sexo dos usuários cadastrados na instituição no período analisado, percebe-se que 50,79% são do sexo masculino enquanto que 49,21% destes pertencem ao sexo feminino indicando que a feminização da Aids vem sendo uma tendência que se acentua. Cabe destacar que hoje no mundo, existem cerca de 17 milhões de mulheres contaminadas pelo HIV e 240 mil dessas mulheres são brasileiras (BRASIL, 2008, apud NUNES, 2009).

O aumento significativo do número de Aids em mulheres demonstra a necessidade de se evidenciar as situações de vulnerabilidade as quais estas se expõem frente a uma cultura machista que delega o poder de decisão na relação nas mãos dos homens. É importante articularmos a tal questão as variáveis socioeconômicas tem-se o crescimento de tendências como pauperização e feminização da doença (BARBOSA, 2010).

Tabela 3 – Escolaridade

Escolaridade	Quantidade	%
Não Alfabetizado	04	6,35%
Alfabetizado	10	15,87%
Fundamental Completo	05	7,94%
Fundamental Incompleto	28	44,44%
Ensino Médio Completo	11	17,46%
Ensino Médio Incompleto	02	3,17%
Superior Completo	00	0%
Superior Incompleto	02	3,17%
Não Respondeu	01	1,59%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

Quanto ao grau de escolaridade dos usuários cadastrados na RNP+CG no período 2009 a 2010 é possível identificar um baixo nível de escolaridade. 44,44% destes se quer possuem o ensino fundamental completo. No que se refere aos demais 15,87% são apenas alfabetizados e apenas 17,46% possuem o ensino médio completo. Apesar dos dados oficiais apontarem para uma redução do analfabetismo nos últimos anos no Brasil, entretanto destaca-se que o País ainda conta atualmente com milhões de pessoas analfabetas e com baixo nível de escolaridade.

Conforme destaca (BARBOSA, 2010), na década de 1980, o surgimento da Aids foi mais freqüente em pessoas com o nível de escolaridade elevada, sendo essa estatística logo mudada com o crescente número do aumento da epidemia atingindo as camadas mais desfavorecidas da população, traduzindo-se na baixa renda e no baixo nível de escolaridade e pouco acesso às informações acerca da doença.

Tabela 4 – Ocupação dos usuários

Trabalha	Quantidade	%
Sim	09	14,28%
Não	54	85,71%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

Com base na tabela acima, constata-se que 85,71% dos usuários cadastrados no período analisado, não estão inseridos no mercado de trabalho. Tais dados certamente estão associados à discriminação e ao preconceito sofridos pelos portadores de HIV/Aids que convivem com o desemprego e a exclusão do mercado formal de trabalho. É possível observar que apenas 14,28% de tais usuários estão inseridos no mercado de trabalho. Reduzir o estigma e a discriminação ainda é um dos principais desafios enfrentados pelos cidadãos que vivem com tal doença.

Tabela 5 – Renda Familiar

Renda Familiar	Quantidade	%
Menos de 1 salário mínimo ou sem renda	41	65%
1 salário mínimo	12	19%
1 a 2 salários mínimos	09	14%
3 salários mínimos	01	2%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

Com relação à renda familiar dos usuários cadastrados na RNP+CG no período 2009 a 2010 é possível observar que 65% destes vivem com menos de um salário mínimo ou não possuem renda. 19% de tais usuários recebem um salário mínimo e se somados, somente 16% destes recebem renda familiar superior a um salário. Tais dados demonstram que a variável socioeconômica é um elemento determinante para a vulnerabilidade ao HIV/Aids, o que requer do Estado políticas públicas específicas voltadas para os setores pauperizados da população (BARBOSA, 2010).

Tabela 6 – Usuários que Recebem Benefícios

Recebem Benefícios	Quantidade	%
Sim	12	19,04%
Não	51	80,95%
Total	63	100%

Fonte: pesquisa direta.

Conforme observamos no gráfico acima 19,04 dos usuários cadastrados na RNP+/CG no período investigado possuem renda oriundas de benefícios, que em sua maioria são é o Benefício de Prestação Continuada (BPC) que atualmente tem sido uma alternativa de renda na vida das pessoas soropositivas. Já 80,95% destas não recebem benefícios o que demonstra a pauperização deste segmento da população.

Discussão

A década de 1980 é marcada pelas primeiras ocorrências da Aids no Brasil. A Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Aids) é uma doença que destrói progressivamente o sistema imunológico, podendo levar a morte.

A Aids disseminou-se com incrível velocidade, tornando-se não só um problema de saúde pública, mas também um problema de ordem econômica e social. Segundo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, em 1982, foram notificados dez casos de Aids, em 1985 esse número aumentou para quinhentos e setenta e três casos, sendo vinte e dois em mulheres; no ano seguinte, o número já havia dobrado (GALVÃO, 2002).

Dados do Boletim Epidemiológico DST/Aids do Ministério da Saúde, mostram que, de 1980 a junho de 2008, foram registrados 506.499 casos de Aids no Brasil. Durante esses anos, 205.409 mortes ocorreram em decorrência da doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a epidemia no país é considerada estável. A média de casos anual entre 2000 e 2006 é de 35.384. Em relação ao HIV, a estimativa é de que

existam 630 mil pessoas infectadas (BRASIL, 2010).

De acordo com a Gerência das Doenças Sexualmente Transmissíveis/ AIDS da Secretaria de Estado da Saúde (SES) do Estado da Paraíba, desde 1985, quando foi registrado o primeiro caso de Aids até o ano de 2009, foram registrados 4.029 casos da doença. Desse total, foram registrados no Estado 2.715 casos em homens e 1.314 em mulheres. Neste número constam mulheres casadas que têm apenas um parceiro. As maiores taxas de incidência estão entre adultos dos 25 aos 49 anos de idade (SMS/ 2011).

Em face a acelerada disseminação da doença, registraram-se algumas providências no âmbito do poder público, com o intuito de controlar a pandemia. Dentre essas iniciativas, podemos destacar a criação de ações de enfrentamento para diminuir os índices de transmissão do vírus, e melhorar o atendimento dos portadores do HIV.

As mais importantes delas é a distribuição recorde de mais de 465 milhões de preservativos em todo o país em 2009 e o acesso universal e gratuito da população aos medicamentos usados no tratamento da Aids. É importante salientar que, Governos federal e estaduais possuem responsabilidades diferentes na compra e distribuição de insumos de prevenção, de medicamentos anti-aids, além dos testes de laboratório para diagnosticar o HIV/ HIV/Aids.

Ainda no que se refere ao enfrentamento da doença, na Paraíba, especificamente na cidade de Campina Grande encontra-se A Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/Aids, uma Organização não Governamental fundada em 1999, tendo sua atuação voltada para proporcionar aos portadores do vírus HIV/Aids a oportunidade de se tornarem os principais protagonistas da história de luta contra Aids, conhecendo seus direitos e deveres enquanto cidadãos, e também os mecanismos de políticas públicas de saúde. A Rede atende atualmente 425 usuários, abrangendo tanto a cidade de Campina Grande como também as cidades circunvizinhas e até cidades dos Estados vizinhos.

Tanto no âmbito nacional quanto local, percebe-se que o perfil atual da doença, passa a assumir como principais tendências: a feminização, a interiorização, o envelhecimento e a pauperização aproximando-se da população de baixo poder econômico, diretamente afetada pela exclusão social, desemprego ou sub-emprego e baixa escolaridade.

Esse perfil tem sido o mesmo onde as características das pessoas que contraem o vírus do HIV, geralmente são de setores mais pobres da população com o grau de renda e escolaridades baixas. Chama atenção o fato que são tais camadas da população que estão mais

vulneráveis a contrair a doença, pela falta de informação e prevenção, pela demora do diagnóstico, aumentando a vulnerabilidade ao HIV/Aids, (Barbosa, 2010).

Conclusão

Nesse artigo buscamos analisar o perfil socioeconômico dos usuários cadastrados na RNP+CG no período de 2009 a 2010. Ao longo de mais de duas décadas a epidemia do HIV/Aids se alastrou em proporção cada vez maior em todas as camadas sociais principalmente nos setores mais pauperizados da população nas pessoas com baixo nível de escolaridade e renda e com pouco acesso as informações acerca da doença.

Percebemos através do perfil de tais usuários que estes possuem dentre suas características baixa escolaridade, um número significativo destes não trabalham, vivem com uma renda mensal igual ou inferior a um salário mínimo oriundo em alguns casos do Benefício de Prestação Continuada. Tal perfil certamente se associa a contaminação pelo HIV/Aids, demonstrando que os indicadores socioeconômicos tem sido determinantes no aumento do contágio a tal doença.

Portanto é possível afirmar a partir de tal estudo que os aspectos socioeconômicos vem possibilitando o aumento da Aids, demandando do Estado um maior investimento em políticas públicas direcionadas essencialmente para as camadas mais pauperizadas da população objetivando diminuir a incidência de tal doença nesse segmento.

Referências

- BARBOSA, Maria Josineide Guedes. **Aids e Pauperização**: Um estudo junto a Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV/Aids-núcleo de Campina Grande-PB. Monografia de conclusão de curso em Serviço Social. Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Aids/DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Aids/DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- GALVÃO, J. **Aids no Brasil**: a agenda de construção de uma epidemia. São Paulo: Editora 34, 2000.

XVINIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

XI EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

VINIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior

- GALVÃO, J. **1980 a 2001**: uma cronologia da epidemia de HIV/Aids no Brasil e no mundo. Coleção Políticas Públicas. V.2. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.

- LAVEOR, A. Inquietações Positivas para todas as idades. In: **Revista Radis**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

- PARKER, R. (org.) Introdução. In: Políticas, **Instituições e Aids**: enfrentando a Aids no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE de Campina Grande-PB. Disponível em: [HTTP://www.sms.pmcg.pb.gov.br/dst aids](http://www.sms.pmcg.pb.gov.br/dst aids). Acesso em: 25 de maio de 2011.